



REVISTA DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO



ISSN: 2237-907X

DOI: 10.20400/P.2237-907X.2016V6N1P063

DOSSIÊ: DEVOÇÕES RELIGIOSAS E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

INTERLOCUÇÕES ENTRE A IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL E A SEICHO-NO-IE: UM ESTUDO COMPARATIVO*

DIALOGUES BETWEEN THE WORLD MESSIANIC CHURCH
AND SEICHO-NO-IE: A COMPARATIVE STUDY

*Listhiane Pereira Ribeiro***

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar um breve estudo comparativo entre duas Novas Religiões Japonesas (NRJ) muito presentes no Brasil: a Igreja Messiânica Mundial e a Seicho-No-Ie. As categorias de análise propostas contemplaram: informações sobre o fundador e a fundação da religião; explicações sobre sua denominação, qual é o principal símbolo da instituição e seu significado; além de esclarecimentos sobre a doutrina: crenças e práticas religiosas; contextualização do momento em que cada uma delas chegou no Brasil e finalmente como cada organização é estruturada. Verificou-se que ambas têm muitos pontos em comum: seus fundadores são contemporâneos e participaram de uma mesma vertente religiosa, a Oomoto. Ambas realizam cerimônias em gratidão aos antepassados, crêem na reencarnação, valorizam o meio ambiente. Acredita-se que através do exercício do método comparativo tenha sido possível compreendê-las melhor. Entretanto, ressalta-se a importância de novos aprofundamentos nas temáticas aqui apresentadas e espera-se que essa abordagem inicial possa contribuir com outros olhares curiosos e estudiosos sobre o assunto.

Palavras-Chave: Novas Religiões Japonesas; Igreja Messiânica Mundial; Seicho-No-Ie; Método comparativo

* Esse artigo foi elaborado devido ao meu interesse cultural pelo Japão. Tendo sido diversas vezes questionada pela confusão que algumas pessoas fazem com estes dois movimentos religiosos, fiquei surpresa com a escassez de material acadêmico sobre o assunto. Por isso, tentei identificar elementos de convergência e divergência entre a Igreja Messiânica Mundial do Brasil (IMMB) e a Seicho-No-Ie (SNI). São tantas as semelhanças, que em parte ficam justificadas as dúvidas dos não praticantes e leigos no assunto. Não se tratam apenas de “religiões de japoneses”, elas compartilham também uma cosmovisão, o que será apresentado no decorrer do texto.

** Mestre em Ciências Sociais pela PUC-MG. Pós-graduada em Psicodrama e em Ciências da Religião. Graduada em Psicologia pela PUC-MG. Licenciada em Filosofia. E-mail: listhiane.ribeiro@gmail.com

ABSTRACT

The objective of this article is show a brief comparative study between two New Japanese Religions (NJR) very present in Brazil: the World Messianic Church and Seicho-No-Ie. The categories of analysis proposals contemplated: information about the founder and the foundation of religion; explanations of its denomination, which is the main symbol of the institution and its meaning; in addition to explanation of the doctrine: religious beliefs and practices; contextualization of moment that each one came in Brazil and finally how each organization is structured. Has been found that both have much in common: its founders are contemporary and participated the same religious origin, Oomoto. Both make ceremonies in gratitude to the ancestors, believe in reincarnation, appreciate the environment. It is believed that through the exercise of the comparative method has been possible to understand them better. However, is highlighted the importance of new deepening in the themes presented here and it is expected that this initial approach can contribute to other curious and academics visions about subject.

Keywords: New Japanese Religions; World Messianic Church; Seicho-No-Ie; Comparative method

INTRODUÇÃO

Cotidianamente, o homem utiliza bastante a comparação. Em alguns momentos com o objetivo de realizar escolhas, em outros sem uma finalidade bem definida, apenas para dizer que algo é bom, adequado ou superior a outro objeto, pessoa ou situação. O julgamento apressado traz consigo o risco provável de se tornar uma comparação superficial, com pouca consistência e até mesmo depreciativa de algum dos elementos comparados. Na ciência a comparação também se faz presente, mas com demarcação própria e contornos bem definidos. É esperado que o indivíduo que usa este método, o faça pelo que ele proporciona: maior estudo dos objetos envolvidos; além da contribuição acadêmica que a criação e o desenvolvimento das categorias de análise geram. Ao mesmo tempo, espera-se que o indivíduo tenha uma postura neutra (não tendenciosa) com os objetos estudados.

As comparações abrem um leque de possibilidades, mas necessitam de uma boa condução. Do contrário, podem deixar marcas desastrosas nos objetos manuseados. Aqui neste trabalho, pretende-se comparar duas Novas Religiões Japonesas (NRJ): a Igreja Messiânica Mundial e a Seicho-No-Ie.

Entende-se por NRJs todas as religiões que foram fundadas a partir do período da Restauração Meiji (1868) até os dias atuais. Foram criadas em um período em que o Japão se modernizava e internacionalizava, entretanto, não deixam de conter elementos das religiões tradicionais. Vale esclarecer que existem outras NRJs: Perfect Liberty, Tenrikyo, Sukyo Mahikari, Soka

Gakkai são algumas delas. Entretanto, a Igreja Messiânica Mundial e a Seicho-No-Ie são as que lideram em quantidade de praticantes, segundo dados do IBGE de 2010.

Por ser a religião um tema complexo, carregado de significações, valores, costumes e principalmente por estar relacionada com aquilo que é considerado sagrado para determinado grupo, trata-se de um tema delicado. Demanda, portanto, ainda mais cautela no manuseio de seus dados.

Ao mesmo tempo, sugere múltiplas interpretações, o que para um pesquisador iniciante soa confuso, visto o volume de conhecimento que propicia. É natural que o exercício de comparar tenha também alguns momentos de frustração. Neville aponta que o caminho é mesmo assim: “Começando *in media res*, o método comparativo imagina, por mecanismos variados, hipóteses novas e potencialmente melhores sobre a comparação, e então procede refletindo sobre elas e as testa de muitos pontos de vista diferentes” (NEVILLE, 2005, p.50). Segundo este autor, uma referência para verificar se a comparação está adequada é avaliar o quanto as hipóteses estão sujeitas a correções. Ou seja, o método comparativo é mesmo um processo de lapidação, que demanda inúmeros refinamentos. Pode ser isto tanto um motivo para frustração como um estímulo ao aprimoramento: o trabalho permanece em construção contínua, ainda quando o pesquisador considera que “acabou”.

Compete ao indivíduo que compara o papel não só de desenvolver categorias de análise, como também o de criticar os limites delas, várias vezes presente na própria nomenclatura. Cabe destacar que as comparações nunca estarão prontas, estando sempre sujeitas a adaptações que visam seu aperfeiçoamento. Isso porque as comparações são provisórias, dependentes da estabilidade da terminologia comparativa (NEVILLE, 2005).

O método comparativo deve ser precário, aberto ao contexto da tradição, do tempo histórico e estável. Pode parecer contraditório que seja vulnerável e estável ao mesmo tempo. Mas isso é para que tenha uma constância sem ser rígido. Ou seja, o método comparativo deve ser sólido e ao mesmo tempo frágil o suficiente para não se tornar uma verdade. Para isso, as hipóteses comparativas precisam sofrer uma constante avaliação. Quando adequadamente elaboradas, é possível retomá-las em estudo posterior, ainda que com correções para suprimir suas eventuais limitações. É por isso que se diz que a comparação é realizada a partir da articulação de “categorias vagas”.

A fim de compreender melhor duas Novas Religiões Japonesas expressivas do Brasil, é que se propõe esboçar um quadro comparativo entre elas.

A CHEGADA DOS IMIGRANTES JAPONESES AO BRASIL

A pouco mais de um século, em 1908, o porto de Santos recebia os primeiros imigrantes recém chegados pela embarcação Kasato Maru. Naquele momento o Brasil era visto como uma oportunidade de crescimento econômico. Os japoneses acreditavam que em poucos anos poderiam retornar à sua pátria, levando consigo um bom volume de dinheiro. Não demorou muito tempo para perceberem que tinham sido enganados. “Tal sensação foi tão comum entre os imigrantes que havia uma canção popular que lhe dava voz: ‘Foi uma mentira quando disseram que o Brasil era bom: a companhia de emigração mentiu’” (HANDA, citado por VIANNA, 2008, p.62).

No Japão as religiões tradicionais são o Budismo e o Xintoísmo. Segundo Koichi Mori (1992), a vida religiosa dos japoneses no Brasil pode ser compreendida em quatro períodos. Inicialmente, de 1908 até 1920, havia uma ausência de religião, tendo em vista que os imigrantes estavam muito voltados para a sua instalação no país e para o trabalho - até então entendido como “temporário”- nas lavouras cafeeiras. Diz-se de uma “ausência de religião” no que se refere à vida pública, já que vários japoneses mantinham seus altares improvisados em seu ambiente doméstico e seu uso era mais frequente por ocasião de falecimentos. Naquele momento existia no país um movimento antinipônico contrário ao proselitismo e à difusão da ideologia japonesa, que privilegiava a religião predominante no Brasil, o catolicismo. “Um pregador da seita Tenry-kyô teve de assinar uma declaração, ao deixar o Japão, dizendo não trabalhar na difusão da seita no Brasil” (História do Trabalho de difusão religiosa do Tenry-kyô no Brasil, citado por MORI, 1992, p.564).

Entre as décadas de 1920 e 1930 foi o período em que alguns japoneses avançaram do status de colonos para agricultores independentes. Ou seja, “mudaram a sua estratégia, de ‘trabalho temporário de curto prazo’ para ‘trabalho temporário de longo prazo’” (MORI, 1992, p. 566). A religiosidade aparece nas colônias como fruto de trabalhos missionários de igrejas cristãs, mas também provinda da divulgação de religiões japonesas, embora restrita à comunidade nipônica. Alguns templos xintoístas foram erguidos, mas igualmente com acesso limitado aos japoneses e aos seus descendentes.

O terceiro período refere-se à década de 1930 até o início da década de 1950. É um momento difícil de sérias restrições aos japoneses – cerceando seu direito de viajar, o uso da língua em lugares públicos e reuniões –, mas que, ao término da segunda guerra mundial são encerradas. Finalmente, o quarto período compreende da década de 1950 até os dias atuais. É somente a partir dos anos 50 que as religiões japonesas ultrapassam o grupo étnico para serem divulgadas amplamente.

Aliada à curiosidade brasileira quanto aos costumes e práticas religiosas nipônicas, existe um fato que os aproxima: tanto o Brasil quanto o Japão apresentam práticas sincréticas, uma multifiliação religiosa e um grande campo de religiosidade popular.

Segundo Castilho e Godoy (2006) uma característica da religiosidade japonesa é a *Bankyôckikon*, que consiste no entendimento de que todas as religiões têm uma origem comum. Outro elemento presente nas Novas Religiões Japonesas é a “concepção vitalista da salvação” (TSUSHIMA, citado por YAMADA, 2004, p.30). Segundo o vitalismo, o universo é um corpo vivo, uma expressão divina. Assim, “‘todas as coisas são harmoniosas, interdependentes, mutuamente solidárias, e em constante crescimento’ (...) A natureza humana é interpretada como sendo ‘divina, despoluída, pura e perfeita’, tornando possível, dessa forma, ‘retornar ou unir-se à Vida Original’” (TSUSHIMA, citado por YAMADA, 2004, p.31). Quanto a esse aspecto, por exemplo, a Seicho-No-Ie ensina que os seres humanos são originalmente perfeitos, semelhantes a Deus. Não são “filhos do pecado”, o que não seria condizente com a filiação divina. Isso é exemplificado no imperativo presente na Sutra para Cura Espiritual, Sutra Sagrada Contínua Chuva de Néctar da Verdade: “Avança além da convicção ‘homem filho de Deus’ e alcança a convicção ‘homem Deus’” (TANIGUCHI, 2008, p.136). Esse, inclusive, é outro aspecto das Novas Religiões Japonesas: a tentativa de direcionar os novos adeptos a livrarem-se do conceito do pecado. Pelo menos, é o que se observa no Brasil, país amplamente marcado pelo cristianismo.

Segundo Hardacre (citado por MATSUE; OGASAVARA, 2013), um *ethos* e uma “visão de mundo” comum aos novos grupos religiosos japoneses refere-se à noção de *self-cultivation*, prática que demanda disciplina e dedicação às atividades e doutrina do grupo. Isso significa que há uma ênfase para o enfrentamento das dificuldades, entendidas como oportunidades de autoaprimoramento. Com isso, elimina-se a ideia de fatalismo, castigo ou providência divina, por exemplo.

IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL E SEICHO-NO-IE: COMPARAÇÕES

A fim de facilitar a compreensão das religiões aqui abordadas, propõem-se algumas categorias de análise, que contemplam: dados sobre o fundador e a fundação da religião, explicações sobre a denominação, qual é o principal símbolo da instituição e seu significado, quais são os objetivos que cada igreja visa atingir frente à sociedade (que por sua vez mostram qual caminho a igreja se propõe a trilhar), esclarecimentos sobre a doutrina: crenças e práticas religiosas, contextualização do momento em que cada uma delas chegou ao Brasil, como cada organização é estruturada e quais são e o que defendem suas cissões religiosas.

Tabela 1 – Comparações entre a Igreja Messiânica Mundial e a Seicho-No-Ie

Categoria	Igreja Messiânica Mundial (IMM)	Seicho-No-Ie (SNI)
O Fundador	Mokiti Okada, cujo nome religioso é Meishu-Sama, que significa: “o Senhor da Luz”, nasceu em 23 de dezembro de 1882 em Tóquio, no Japão. Faleceu em 10 de fevereiro de 1955, aos 72 anos. Desde criança dedicava-se às artes. Participou da religião Ittoen e da Omoto-kyo, sendo que era muito preocupado com os problemas da humanidade.	Masaharu Taniguchi nasceu em Kobe em 22 de novembro de 1893 e faleceu em 17 de junho de 1985, aos 91 anos em Nagasaki (ambos no Japão). Desde jovem participou de várias religiões: Budismo, Omoto-kyo, Ittoen. Queria entender qual a causa dos sofrimentos da humanidade.
A Fundação	Como resultado de pesquisas e de uma Revelação Divina, em 1º de janeiro de 1935 Mokiti Okada criou a Igreja Messiânica Mundial (IMM), conhecida também como <i>Sekai Kyusei-kyo</i> .	Em 1929 Masaharu Taniguchi recebeu uma Revelação Divina. Estava realizando uma meditação quando começou a ouvir uma voz e passou a escrever o que ela dizia: “A matéria não existe! Do nada surge tudo”. Em 1º de março de 1930 foi fundada oficialmente a Seicho-No-Ie.
A Revelação Divina e a Missão do Fundador	Para Meishu-Sama, as revelações não tinham sido feitas a ninguém antes porque não havia chegado o momento, a transição da “Noite” para o “Dia”. Antes, imperava a luz da Lua, com pouca iluminação. Era um mundo de trevas, nada se enxergava direito, inclusive as religiões; por isso os homens estavam desorientados e não tinham a verdadeira tranquilidade. Com a chegada do dia, sob a luz Solar, tudo sobre a face da Terra ficaria visível e não existiria mais dúvida alguma. A missão de Meishu-Sama seria a de criar a Civilização do Dia e instaurar o Paraíso Terrestre.	Para Masaharu Taniguchi, uma verdadeira religião não é criada pelo ser humano. É movimento desenvolvido por Deus, que passa por espíritos superiores do mundo espiritual e alcança pessoas do plano terreno, que estejam em mesma sintonia com aqueles. Como Masaharu Taniguchi não se intitula o criador do ensinamento, ele não escrevia seu nome nos livros, colocando somente o sobrenome por exigência da lei, pois a Bíblia também não tem autor e assim ele considerava que deveria ser. Para ele, a Seicho-No-Ie surgiu a fim de dizer que por trás dos diversos formatos existe uma única essência que salva as pessoas. Todas as religiões do mundo teriam surgido com feito adequado às circunstâncias da época e dos povos aonde surgiram.
Fundamentação	Os escritos de Meishu-Sama são das décadas de 30 a 50. A IMM abrange conhecimentos do Cristianismo, Xintoísmo, Budismo, Confucionismo, Filosofia, Ciência, Arte.	A SNI abrange principalmente o Cristianismo, Xintoísmo, Budismo. O fundador também faz referências em suas obras de conhecimentos filosóficos (Sócrates, Platão, Schopenhauer,

		Nietzsche) e da psiquiatria (Karl Augustus Menninger, Sigmund Freud).
Nomenclatura	Meishu-Sama tinha a intenção de salvar o mundo (tanto o oriente quanto o ocidente), daí sua escolha pela nomenclatura: “Igreja Messiânica Mundial”.	O significado da Seicho-No-Ie é: Sei = Vida, Infinito, Deus. Representa a Verdade Vertical. Cho = Progredir = Lei da Mente. Representa a Verdade Horizontal. No = Ligação, Do. Ie = Lar, Universo. Ou seja, Seicho-No-Ie é o mesmo que: “Lar do Progredir Infinito”.
Principal Emblema		
Significado do Emblema	O <i>Izunome</i> simboliza a cruz equilibrada, indicando a perfeita harmonia entre os princípios horizontal e vertical. Significa “princípio imparcial”, isto é, manter-se sempre no centro, não tender aos extremos, nem decidir impensadamente. O resultado seria uma feliz união das civilizações oriental e ocidental e, consequentemente, o Paraíso se manifestaria na Terra.	O emblema é composto por três partes. A parte externa, em forma de círculo significa Grande Harmonia, o espírito que se harmoniza com todos. Também representa o sol, do qual saem 32 raios simbolizando a luz que ilumina o mundo e consequentemente representa o Xintoísmo, que venerou a Deusa Amaterasu (deusa do sol). A parte interior é constituída pela lua, que representa o Budismo. Isso porque este prosperou num país denominado Lua, no Oeste da China e por ser um importante símbolo nas metáforas budistas. Finalmente, tem-se a cruz com o giro no sentido horário. Expressa a não existência da carne, da matéria, o “X” para anular as coisas fenomênicas. Ao mesmo tempo, é uma estrela que representa o Cristianismo, a guia dos três sábios que chegaram até Jesus. Juntos, os três astros simbolizam o universo e pretendem simbolizar a união de todas as religiões (embora não represente a todas).
Princípios e Verdades Horizontal e Vertical	O princípio horizontal da vida seria o <i>Daijo</i> , que se estende como a água. O princípio vertical seria o <i>Shojo</i> . Um exemplo disso seria o fogo, que queima em profundidade. Segundo Meishu-Sama, os povos orientais mostram-se mais inclinados a reverenciar o culto aos ancestrais, por isso, mantêm um sistema hierárquico. Ou seja, o Budismo seria <i>Shojo</i> ; sua essência fica restrita a grupos específicos. Acentua-se a importância da meditação, com o fim de alcançar a sabedoria e a auto-realização. Essa atividade é vertical. Enquanto isso, os povos ocidentais têm mais ênfase na relação entre marido e mulher, expandindo o amor ao próximo e a toda a humanidade. O Cristianismo seria, portanto, o <i>Daijo</i> , já que nele se acentua a importância do amor fraterno, atividade em nível horizontal.	A “Verdade Vertical” é que só Deus e o que Ele cria existem verdadeiramente. Como o homem (na sua essência espiritual) também é criação de Deus, ele possui a mesma natureza infinita de Deus. A “Verdade Horizontal” é que o mundo fenomênico é projeção da mente humana. Nessa concepção, tanto o mal, quanto o pecado, doença e morte não existem, pois não foram criados por Deus. Isso é em parte baseado no capítulo Gênesis da Bíblia, segundo o qual Deus criou todas as coisas e viu que tudo era bom. Sendo assim, tudo que é mal é fruto da criação da mente humana (são ilusões), e naturalmente desaparecerão quando o homem voltar sua mente para a Imagem Verdadeira, perfeita de Deus. Na “Verdade Horizontal”, Masaharu Taniguchi ensina as leis: “de causa e efeito” (“dá e receberás”), “semelhantes se atraem”, “eu e o outro somos um”.
Principal obra deixada pelo fundador	Coletânea de livros: “Alicerce do Paraíso”, composta por 5 volumes, escritas por Meishu-Sama.	Coleção de livros intitulada: “A Verdade da Vida”, composta por 40 volumes. Estes reúnem a compilação das primeiras revistas

		publicadas por Masaharu Taniguchi, uma vez que muitos leitores solicitaram nova edição.
Conteúdos da doutrina	<p>Meishu-Sama (1997) defende que não é a doutrina (conjunto de regras e preceitos) que transforma o homem, mas sim a Luz de Deus. Ele explica que desde os tempos antigos quase todas as religiões tiveram doutrinas bem elaboradas, e isso não foi suficiente para que conseguissem aperfeiçoar o mundo. Sendo assim, o <i>Johrei</i> é um dos pilares de sua Igreja, já que tem o poder de dissolver as máculas do corpo espiritual (<i>reita</i>) das pessoas, elevando-as a um nível onde a sua natureza Divina possa ser despertada. Assim, ocorreria a “verdadeira” transformação: do interior para o exterior. Os outros pilares da IMM são: a Agricultura Natural (<i>Shizen noho</i>) e o Belo. A primeira incentiva a alimentação baseada em frutas e hortaliças, a gradativa extinção do consumo de carne e o cultivo sem o uso de adubos (tanto de origem animal quanto química). Para Meishu-Sama, os adubos enfraquecem o solo com a presença de tóxicos e prejudicam sua capacidade natural. Por isso, ele valoriza a vivificação do solo: conservando-o sempre “puro”. Além disso, os messiânicos acreditam que desde o início da Criação, Deus objetivou estabelecer o Céu na Terra e continuaria atuando para a concretização desse objetivo. Meishu-Sama seria o “mestre-de-obras” local na construção do “Protótipo do Paraíso Terrestre”. Baseado nisso, ele construiu no Japão vários espaços de preservação ambiental. Para ele, tanto as vestes quanto a alimentação e a moradia do homem devem ser utilizadas de maneira mais bela possível, porque isso está de acordo com a Vontade Divina. Para Meishu-Sama, quanto mais alto grau de civilização a sociedade alcançar, mais beleza ela manifestará, não só no ambiente como também nos sentimentos.</p>	<p>Os praticantes da Seicho-No-Ie acreditam que o homem é Filho de Deus, herdeiro de todas as virtudes infinitas de Deus: sabedoria, amor, paz, alegria, provisão, harmonia. Entretanto, para que o homem manifeste estes atributos, é necessário que ele tenha consciência disso e queira disciplinar seus pensamentos, palavras, ações. Segundo Masaharu Taniguchi, as palavras têm força criadora. Por isso, ele incentiva que as pessoas digam apenas palavras positivas; pois o mundo seria fruto do que o homem acredita ser. A ideia é que tudo o que se fala, pensa, mentaliza, acaba se concretizando. A mente precede os acontecimentos, daí a importância de que o homem tenha sempre bons pensamentos. Masaharu incentiva que as pessoas sejam otimistas, alegres, gratas a tudo e a todos, harmoniosas, perseverantes. Os pensamentos e sentimentos expressos por cada indivíduo exerceriam influência sobre toda a humanidade. Por intermédio da mente coletiva, as pessoas atraem para si acontecimentos correspondentes com o que pensam e sentem. Assim, cada pessoa seria responsável pelo ambiente e destino que tem e terá.</p>
Origens do sofrimento	<p>A causa da infelicidade e do sofrimento é atribuída principalmente às máculas espirituais herdadas dos ancestrais, que provavelmente negligenciaram práticas e rituais de culto à linhagem familiar. Estas máculas manifestam-se de várias formas: conflitos familiares, desemprego, doenças, etc. O sofrimento também pode ser decorrente dos carmas.</p>	<p>Não é entendido como castigo, tampouco consequência do pecado. Pode ser uma consequência cármica, fruto dos pensamentos e ações do passado (lei de causa e efeito) ou resultado de autopunição, ideia de que o homem precisa se autodestruir, pagando por cada erro cometido. Sobre o sentimento de autopunição, maiores detalhes são encontrados na obra “A humanidade é isenta de pecado”, de Masaharu Taniguchi.</p>
	<p>O <i>Johrei</i> é uma palavra criada por Meishu-Sama decorrente da união de dois ideogramas japoneses que significam JOH (purificar) e REI (espírito). Assim, ele</p>	<p>Leitura de livros e Sutras Sagradas (poemas escritos por inspiração divina pelo fundador); prática do elogio a si mesmo e aos outros; recitação de palavras positivas. Dentre elas, a</p>

Práticas religiosas	denominou o método de canalizar com as mãos a infinita Luz Divina. Segundo ele, a felicidade ou infelicidade depende do nível espiritual de cada um. A função do <i>Johrei</i> é purificar as impurezas (espirituais e físicas) que o homem acumula, para que ele restaure sua condição original, a sua verdadeira saúde, prosperidade, paz. Nesta prática o ministrante direciona energia através da imposição de mãos diante aquele que recebe. Nela, seria usada a energia do universo, potencializada por Meishu-Sama para a salvação da humanidade. As outras práticas seriam a Agricultura Natural e o Belo (elaboração de Ikebanas, que são “Flores de Luz”, por exemplo).	principal prática é a Meditação Shinsokan. Trata-se de uma meditação do estilo Zen, que visa aprimorar o sentimento de união com Deus. Outra prática é a “Oração de Cura Divina” (ou “Forma Humana”): pedido de oração no qual a pessoa escreve o nome de quem irá receber a leitura de Sutas Sagradas seis vezes ao dia, feitas na Sede Central durante um mês ou até mesmo durante um ano. Neste caso, a pessoa identifica qual é o tipo de desejo que se pretende concretizar, em uma relação de 15 tipos de desejos ¹ . Na SNI também existem cerimônias. Algumas delas são: “Purificação da mente”, na qual as pessoas escrevem textos de confissão contendo sentimentos negativos que depois são queimados durante a leitura da Sutra Sagrada; “Cerimônia em memória e gratidão aos antepassados”, na qual a leitura da Sutra Sagrada é oferecida aos antepassados.
Os objetivos da Igreja	Segundo Meishu-Sama, o homem tem se movido pelo materialismo - que o faz acreditar somente naquilo que vê - e pelo egoísmo, que o leva a agir de acordo com a sua própria conveniência. A destruição do equilíbrio do planeta seria uma das consequências do desrespeito às Leis Naturais. Seu propósito é despertar a humanidade, alertando-a para essa realidade. Ele cultiva o espiritualismo, o altruísmo e ensina que existem espírito e sentimento não só no ser humano, mas também nos animais, nos vegetais e nos demais seres. Seu objetivo é reconduzir a humanidade a uma vida que concorde com a Lei da Natureza e construir uma nova civilização, alicerçada na verdadeira saúde, prosperidade e paz.	Conscientizar o homem para a Imagem Verdadeira (perfeita, plena, harmoniosa, imaculada) que existe dentro dele. Ou seja, despertar a humanidade para sua filiação divina, de infinitas potencialidades. Masaharu Taniguchi explica que Deus é Verbo, sendo os verdadeiros templos religiosos os Livros Sagrados.
Época de chegada ao Brasil e os primeiros líderes locais	Em 1955 chegaram os primeiros missionários: Minoru Nakahashi e Nobushiko Shoda. Entretanto, foi com a atuação do reverendo Tetsuo Watanabe, que chegou ao país em 1962, que a religião se difundiu entre os brasileiros.	Em 1930, com os imigrantes japoneses, os irmãos Daijiro e Miyoshi Matsuda que iniciaram a divulgação mesmo quando ainda falavam mal o idioma português. Mas o ensinamento expandiu somente após 1951, quando as obras começaram a ser traduzidas para o português.
	Faz-se presente através de Johrei Centers e Centros de Aprimoramento. O <i>Johrei Center</i> é a menor unidade da IMM e tem a	As Associações Locais (A.Ls) são as menores unidades da SNI. Nelas acontecem palestras, práticas e cerimônias. São subordinadas às

¹ São eles: 1 Manifestação da Imagem Verdadeira (manifestar o Deus interior); 2 Saúde (manifestar a saúde perfeita de Filho de Deus); 3 Prosperidade (nos negócios e familiar); 4 Harmonia (harmonizar-se com o cônjuge e com todas as pessoas); 5 Concretização dos Planos (alcançar metas e objetivos); 6 Êxito nos Estudos (concurso, vestibular, faculdade, escola, etc.); 7 Emprego (sucesso no trabalho e para quem procura emprego); 8 Casamento (encontrar a metade da alma); 9 Eliminação de Vícios (bebidas, cigarro, drogas, etc.); 10 Parto Feliz (período de gestação e parto do bebê); 11 Concebimento (mulher que não consegue engravidar); 12 Crescimento Perfeito (fase de crescimento da criança); 13 Êxito nas funções sagradas (estudos da Verdade e divulgação); 14 Solução dos Problemas (para solução de problemas diversos); 15 Proteção (receber a proteção de Deus no dia a dia, viagens, etc.). Disponível em: <<http://www.sni.org.br/forma-humana-oracao-para-cura-divina-seicho-no-ie.asp>> Acesso em 28 abr. 2016.

Estrutura Organizacional e Templos Religiosos	missão de expandir o <i>Johrei</i> e transmitir as primeiras noções messiânicas. O Centro de Aprimoramento é o local designado ao conteúdo doutrinário: estudo de ensinamentos, orientações e experiências práticas, bem como às cerimônias religiosas, exposições e atividades culturais. A Sede Central da IMM do Brasil é localizada no Edifício Mokiti Okada, no bairro de Vila Mariana em São Paulo. O Solo Sagrado de Guarapiranga é um Protótipo do Paraíso Terrestre, sendo considerado pelos messiânicos como um local sagrado de elevada vibração espiritual. Localiza-se às margens da represa de Guarapiranga, em São Paulo. Em seu Templo, além do Santuário de Deus e Meishu-Sama, fica o Santuário dos Antepassados, onde são cultuados os antepassados dos membros brasileiros, periodicamente. Como foi construído para ser oferecido à sociedade, é aberto à visitação pública, sendo também utilizado por outras religiões, entidades públicas e privadas.	Regionais. Em Belo Horizonte, por exemplo, existem duas Regionais: Caiçara e Paraíso. As duas juntas têm cerca de 50 ALs, que são subordinadas a uma delas (as Regionais são independentes entre si). Todas as Regionais são subordinadas à Sede Central do Brasil, localizada em São Paulo. Existem também várias Academias de Treinamento Espiritual no Brasil: em Ibiúna (SP), Santa Fé (Bahia), Santa Tecla (RS), Curitiba (PR), Amazônia (PA), Amarantina (MG) e Aparecida de Goiânia (Goiás). São locais destinados ao aprimoramento espiritual, destinados a Seminários e Cursos nos quais os participantes ficam vários dias em prática religiosa. A principal Academia do Brasil é a de Ibiúna. Nela está o Santuário em Memória dos Antepassados, o Monumento em Memória dos Anjinhos (crianças abortadas) Anônimos do Brasil, o Monumento em Memória aos Pioneiros, o Museu da Seicho-No-Ie. Este Museu foi uma casa (aos moldes japoneses) construída para receber Masaharu Taniguchi, quando este veio ao Brasil, na década de 80. A casa está aberta a visitação, sendo expostos objetos e livros religiosos originais.
Cisões religiosas	No Brasil existe a Comunidade Messiânica Universal e o Templo Luz do Oriente. No Japão existe a Shinji Shumei Kai, a Seimei-Kyo e a M.O.A. Panamericana do Brasil. Em geral, são mais tradicionalistas e apegadas a aspectos religiosos japoneses, tais como o culto de Kannon (entidade budista) ou da divindade xintoísta Daikokuten. Outro elemento de discordância se refere a como é realizada a agricultura natural, existindo o questionamento de qual seria a “verdadeira” recomendação de Mokiti Okada quanto ao uso ou não de compostos fertilizantes.	No Brasil existe a Associação para o estudo sobre o mestre Masaharu Taniguchi: a Manabukai do Brasil. No Japão existe a Tokimitsuru-kai. Entretanto, existem outras dissidências ainda não identificadas, todas contrárias a atual liderança da SNI: Masanobu Taniguchi. Em geral os dissidentes são mais tradicionais, privilegiando os textos, práticas e cerimônias no japonês. Para eles, a vibração da palavra proferida no idioma original é maior.

Elaborado pela autora. 2016.

Conforme foi apresentado anteriormente, tanto Masaharu Taniguchi quanto Mokiti Okada participaram antes de fundar suas respectivas religiões, da Oomoto, também conhecida como Omoto-kyo. Ela foi fundada em 1892 por Nao Deguchi em Ayabe, província de Kyoto e seu nome significa “a Grande Origem”. Masaharu Taniguchi foi membro da seita Oomoto entre 1918 e 1921, e neste período contribuiu com a escrita de artigos para revistas. Já Mokiti Okada foi seguidor da Oomoto entre 1920 e aproximadamente 1926. Neste período, atuou em Tóquio como chefe da filial de Oomori.

Ambos, messiânicos e os seicho-no-ie, creem que em cada época Deus envia o Seu mensageiro e as religiões necessárias para auxiliar a humanidade. Os líderes dos dois movimentos se apresentam enquanto portadores de boas novas, e não “fundadores” de uma religião. Isso porque para eles as religiões não são produções humanas, mas manifestações terrenas de decisões divinas.

Para os dois, os fenômenos que acontecem neste mundo (Mundo Material ou mundo dos cinco sentidos), são projeções daquilo que foi gerado anteriormente no Mundo Espiritual. Para a resolução de qualquer problema (seja ele financeiro, de relacionamento ou até mesmo de doença), seria necessário solucioná-lo primeiro no Mundo Espiritual. Para Meishu-Sama, as doenças são a eliminação de toxinas acumuladas pelo homem. Já Masaharu Taniguchi, diz que são fruto de sentimentos negativos que a pessoa nutre ou nutriu no passado, ainda que “em outra vida”.

Ambos acreditam na vida após a morte. Uma diferença é que para Taniguchi existe também o Eu Verdadeiro (proveniente do mundo da Imagem Verdadeira), que se encontra desde o princípio no mundo da Perfeição divina, essência (“Jissô”). Os dois concordam que após a morte todas as almas desencarnadas passam por uma sala de espera (do mundo espiritual) onde permanecem por algum tempo, com o objetivo de eliminar os odores do corpo e definir a posição da alma na hierarquia espiritual. Cabe ressaltar que se trata de uma crença que existe tanto no Budismo quanto no Xintoísmo (religiões que fundamentam tanto a IMM quanto a SNI). Também por isso, ambos acreditam que é importante dedicar oração pelas almas falecidas, para que estas atinjam planos mais elevados no mundo espiritual. A reencarnação seria um processo para a alma evoluir, já que o período da vida de um indivíduo seria insuficiente para que ele manifestasse plenamente suas potencialidades inatas e sua capacidade mental. Outra diferença é que para Meishu-Sama, além de uma partícula Divina, o homem possui também um espírito animal que é agregado a ele após o nascimento, que seria o “Espírito Secundário”. Este espírito seria um representante do mal que convive com o homem e estaria disposto a levá-lo para a prática do mal. Pode ser uma raposa, cão, gato, cavalo, boi, macaco, dragão, aves, etc. Como Masaharu Taniguchi prega a inexistência do mal, não cita a existência deste espírito secundário. Entretanto, ambos acreditam que no Mundo Espiritual existe um Espírito Guardião (geralmente de um ancestral) que protege cada indivíduo.

Tanto Meishu-Sama quanto Masaharu Taniguchi, concordam que uma boa alimentação dispensa o consumo de carne. Meishu-Sama enfatiza isso mais, tendo em vista que um dos pilares de seu ensinamento é a Agricultura Natural. Ambos os líderes também enfatizam o cuidado com a natureza. A respeito disso, a Seicho-No-Ie do Japão foi a primeira instituição religiosa do mundo a conseguir a certificação ISO 14001. Inclusive, no site oficial da SNI é possível ver o *slogan*: “Seicho-No-Ie do Brasil: o modo feliz de viver em harmonia com a natureza”.

Ambos os líderes religiosos acreditam que o Brasil tem um papel especial na difusão dos seus ensinamentos em escala mundial. Devido ao grande fluxo migratório que recebeu, o país seria uma espécie de “arca de Noé”, abrigando povos distintos e sendo, portanto, um polo privilegiado para alcançar outros povos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de o contexto oriental ser bem distinto do ocidental, a IMM e a SNI parecem terem sido bem aceitas no Brasil. Um facilitador pode ser a semelhança do *Johrei* com o “passe” da doutrina espírita, bem como o crescente interesse brasileiro pela prática meditativa; somados ao sincretismo típico da população brasileira, que em geral, acredita ou aceita a crença na reencarnação.

Segundo Clarke e Matsuoka (citados por Matsue, 2002), a IMM inclui em suas cerimônias a Oração do Pai Nosso e faz referência a Nossa Senhora como representante brasileira da *Bodisatva Kannon* (divindade japonesa). Também a SNI utiliza de várias passagens bíblicas (geralmente do Novo Testamento) em seus livros e palestras. Outro facilitador para a expansão das duas tradições em solo brasileiro parece ser a forma como a linguagem é utilizada, adequada à cultura local. Segundo Matsue (2002), por exemplo, o termo “Paraíso Terrestre” (que é uma das missões de Meishu-Sama), foi estabelecido com várias denominações, tais como: Buda, *kamis* e deuses. Estas ideias teriam contribuído para que os seus ensinamentos fossem aceitos e reinterpretados em diferentes contextos culturais, independente da tradição religiosa. Também a SNI tem sido adaptada de acordo com o país em que está inserida. Suas reuniões abandonaram muitas características japonesas: os ritos tinham estrutura Xintoísta mais acentuada, as vestes dos preletores se adaptaram, o uso de termos em japonês foi gradativamente substituído por expressões traduzidas para o português. As primeiras expressões a se modificar foram: “dendo-

in” que se tornou “divulgador”, o jornal “Enkan” que se tornou “Círculo de Harmonia” e a revista “Acendedor” agora é conhecida como “Fonte de Luz” (ALBUQUERQUE, 2001). A seguir, foi a vez de outros termos serem retirados das publicações escritas e das palestras: “Jissô” (Imagem Verdadeira), “Kenrô” (prática de gratidão através do trabalho físico), “Gashô” (prática de reverência e agradecimento realizada no início e término das atividades). Atualmente só os praticantes mais velhos mencionam estes termos, e raramente. Geralmente quando querem ilustrar um acontecimento do passado (da sua própria experiência com o ensinamento) ou quando explicam aspectos doutrinários.

Em preleções assistidas em ambas as religiões foi possível observar o nacionalismo japonês, ressaltado pelas ideias de que o Japão é um país especial (afinal se não fosse, seu fundador não teria nascido ali); bem como reforçando os estereótipos de que os japoneses são disciplinados, persistentes, honestos; sendo, portanto, representantes de um ideal que deve ser perseguido pelos brasileiros, tão diferentes dos primeiros.

Em geral, os nipônicos valorizam mais que os brasileiros a ordem, a disciplina, a harmonia. Um exemplo disso é o 5S, tão difundido no meio organizacional: Seiri (Senso de Utilização), Seiton (Senso de Ordenação), Seisou (Senso de Limpeza), Seiketsu (Senso de Saúde), Shitsuke (Senso de Autodisciplina). Parece natural que os orientais considerem que quando algo está “errado” (uma parte do corpo está doente, com mau funcionamento, por exemplo), é devido à má utilização do homem quanto ao seu próprio corpo: estaria impuro, em desarmonia, ou seja, “desordenado”. O dualismo cartesiano é ocidental. Como os orientais não separam a alma do corpo, valorizam cada detalhe do todo. Baseado nisso, acreditam piamente que “um corpo são abriga uma mente sã”. Tal postura oriental de conceber o homem como um “todo” único e indivisível influencia não só a religião, como a medicina, a educação, a política, as artes. Trata-se de outra forma de conceber o mundo, mediante uma perspectiva holística, integrada e vitalista.

Considera-se que o método comparativo aqui utilizado foi de suma importância, sendo inegável que é um processo tanto melhor quanto mais for vulnerável a correções, adaptações. Acredita-se que é sempre possível aperfeiçoar mais no manuseio do método. Entretanto, espera-se que com este estudo tenha sido possível visualizar adequadamente os pontos de encontro e desencontro das tradições mencionadas e contribuir com os conhecimentos existentes sobre o assunto. Ressalta-se que é um tema que merece ter outros aprofundamentos, principalmente no

que se refere às suas dissidências e possíveis consequências; abrindo, portanto, campo para estudos futuros.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, Gilberto Baptista; GODOY, Marina Gomes Ghizzi. A presença de valores orientais na cultura brasileira: as novas religiões japonesas. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, EDUFSC, n. 39, Abr. 2006, p. 67-81.

ALBUQUERQUE, Leila Marrach Basto de. 2001 Dominós da Ditadura: Seicho-no-ie do Brasil. In: III Simpósio de História das Religiões, n. 3, 2001. **Anais do III Simpósio de História das Religiões** – ABHR, 2001.

GONÇALVES, Hiranclair Rosa. Igreja Messiânica Mundial e suas dissidências. **Revista Eletrônica Nures**, Edição Ano 4, Nº 9, Mai./Set., 2008. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/revistanures/revista9/index.htm>>. Acesso em 20 abr. 2016.

IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL DO BRASIL. **Portal**. <<http://www.messianica.org.br>> Acesso em 10 out. 2011.

MATSUE, Regina Yoshie. A Expansão Internacional das Novas Religiões Japonesas: Um Estudo sobre a Igreja Messiânica Mundial no Brasil e na Austrália. **Revista de Estudos da Religião**. PUC São Paulo, Nº4, 2002, p.1-19.

MATSUE, Regina Yoshie; OGASAVARA, Mário Henrique. A eficácia simbólica e terapêutica de práticas religiosas entre os trabalhadores brasileiros no Japão. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, Dez. 2013, p. 102-120.

MEISHU-SAMA. **Coletânea Alicerce do Paraíso da Igreja Messiânica Mundial do Brasil. Vol. I A Igreja Messiânica Mundial**. 11 ed. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 1997.

MEISHU-SAMA. **Coletânea Alicerce do Paraíso da Igreja Messiânica Mundial do Brasil. Vol. II O ser humano**. 11 ed. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 1997.

MEISHU-SAMA. **Coletânea Alicerce do Paraíso da Igreja Messiânica Mundial do Brasil. Vol. III O homem, sua saúde e nutrição**. 11 ed. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 1997.

MEISHU-SAMA. **Coletânea Alicerce do Paraíso da Igreja Messiânica Mundial do Brasil. Vol. IV Agricultura Natural e Arte**. 11 ed. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 1997.

MORI, Koichi. Vida religiosa dos japoneses e seus descendentes residentes no Brasil e religiões de origem japonesa. In: **Uma epopéia Moderna - 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil**. São Paulo, Ed. Hucitec. Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, p.559-601, 1988.

NEVILLE, Robert Cummings; WILDMAN, Wesley J. Sobre comparar ideias religiosas. In: NEVILLE, Robert Cummings (Org.). **A condição humana. Um tema para religiões comparadas**. São Paulo: Paulus, 2005, p.45-60.

SCHNEIDER, Sergio; SCHIMITT, Cláudia Job. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998.

SEICHO-NO-IE DO BRASIL. **Portal**. <<http://www.sni.org.br>> Acesso em 8 dez. 2011.

TANIGUCHI, Masaharu. **A Verdade da Vida. Vol. 1.** São Paulo: Seicho-No-Ie, 2007.

TANIGUCHI, Masaharu. Sutra para Cura Espiritual: Sutra Sagrada Contínua Chuva de Néctar da Verdade. In: TANIGUCHI, Masaharu. **Sutras Sagradas.** 42 ed. São Paulo: Seicho-No-Ie, 2008, p.113-152.

TANIGUCHI, Masaharu. **A Verdade da Vida. Vol. 19.** São Paulo: Seicho-No-Ie, 2009.

VIANNA, Candice Sakamoto Souza. Um Japão no Brasil: heranças de 100 anos de história. In: **Ensaio sobre a Herança Cultural Japonesa Incorporada à Sociedade Brasileira.** Fundação Alexandre de Gusmão, Brasília, DF, 2008, p.43-83.

YAMADA, Masanobu. “A Concepção Vitalista da Salvação” no Brasil: As Novas Religiões Japonesas e o Pentecostalismo. Tradução por Kleber Maia Marinho. **REVER - Revista de Estudos da Religião.** PUC São Paulo, Nº 3, 2004, p. 29-49.